



REVISTA DA ANINTER-SH
Volume 1, 2024 – Artigo: 25
ISSN: 2965-954X
Received: 07/12/2023
Accepted: 02/04/2024

D.O.I. <http://dx.doi.org/10.69817/2965-954X/v1a25>

Desinformação e negacionismo no governo Bolsonaro: uma análise de artigos científicos indexados na plataforma SciELO

Disinformation and denialism in the Bolsonaro government: an analysis of scientific articles indexed on the SciELO platform

Eduardo Silva

Doutor em Comunicação e Cultura pela UFRJ.
Professor da Univille,
E-mail: professor.edu.silva.filosofia@gmail.com

Geise Mari Santos Oliveira

Doutoranda no Programa Multidisciplinar de Pós Graduação em Cultura e Sociedade (UFBA)
E-mail: geiseoliveira@gmail.com

José Isaías Venera

Doutor em Ciências da Linguagem pela Unisul
Professor da Univille e Univali
E-mail: j.i.venera@gmail.com

José Roberto Severino

Doutor em História pela USP
Professor Associado da Facom/Pósultura/ UFBA
E-mail: beto.severino452@gmail.com

Jorge Felipe Henríquez Chamorro

Graduado em Publicidade e Propaganda pela Univille
E-mail: jorfeli24@gmail.com

Rita de Cássia Aragão Matos

Doutora em Comunicação Cultura e Contemporâneas pela Facom/UFBA
Professora Associada da IHAC/Pósultura/ UFBA
E-mail: rivalta@uol.com.br

RESUMO

Este trabalho é resultado de uma pesquisa sobre o sentido do enunciado 'negacionismo' atribuído ao governo Bolsonaro em artigos publicados em revistas científicas indexadas na plataforma SciELO no ano de 2021. Foram mapeados 95 artigos, inseridos em um instrumento de classificação por áreas, autores, e ocorrência de termos atribuídos ao presidente, à época, Jair Bolsonaro, e ao seu governo. Entre os termos, 'negacionismo' teve mais incidência. Desses artigos, foram selecionados seis para apresentar o sentido do termo articulado pelos autores. Por fim, relacionamos os sentidos com um conceito trabalhado em uma outra pesquisa, anterior a esta: necropolítica. Considera-se, assim, que a produção estratégica da desinformação contribui para a política da morte, a qual o filósofo Achille Mbembe (2018) nomeia de necropolítica.

Palavras-chave:

Bolsonaro; pandemia; periódicos científicos; Análise de conteúdo, necropolítica.

Abstract

This paper is the result of research into the meaning of the term 'negationism' attributed to the Bolsonaro government in articles published in scientific journals indexed on the SciELO platform in 2021. A total of 95 articles were mapped and entered into a classification tool by area, author and occurrence of terms attributed to the president at the time, Jair Bolsonaro, and his government. Among the terms, 'negationism' had the highest incidence. Of these articles, six were selected to present the meaning of the term articulated by the authors. Finally, we related the meanings to a concept worked on in another study, prior to this one: necropolitics. We therefore consider that the strategic production of disinformation contributes to the politics of death, which philosopher Achille Mbembe (2018) calls necropolitics.

Keywords

Bolsonaro; pandemic; scientific journals; content analysis, necropolitics.

INTRODUÇÃO

O fenômeno da desinformação tornou-se um tema em ascensão nas pesquisas em comunicação, sobretudo, com a popularização do termo *fake news* durante e após as eleições de 2016 nos Estados Unidos e, também, com a saída do Reino Unido, no mesmo ano, da União Europeia e que ficou conhecida pelo termo Brexit (Bucci, 2019). Há um certo consenso na literatura de que esses dois eventos alçaram a produção e circulação da desinformação para o centro de interesse das pesquisas em comunicação (Lelo; Caminhas, 2021). Investigar as características da desinformação e problematizar seu alcance e efeito continuam a ser um desafio em aberto.

Fake news, desinformação e pós-verdade passam a fazer parte de uma mesma articulação (Santaella, 2019). No âmbito da política tal fenômeno interferiu nos processos eleitorais, a exemplo da vitória de Donald Trump, nos EUA, e de Jair Bolsonaro nas eleições de 2018. Além disso, diversos estudos no Brasil demonstram que este processo de negação da realidade contribuiu para o aumento do número de mortes por Covid-19.

Há um outro enunciado que pode ser associado ao trinômio (desinformação, *fake news* e pós-verdade) e que aparece com destaque na pesquisa que resultou neste artigo: negacionismo. Não é mera coincidência que o termo seja atribuído recorrentemente ao governo do ex-presidente Bolsonaro (2019-2022), nos artigos científicos publicados em revistas indexadas na plataforma SciELO, em 2021.

Negacionismo adquire *status* de conceito na literatura freudiana e esta categoria pode contribuir com o debate atual. Em 1925, Sigmund Freud publicou

A *negação* (1996) para dar conta de um fenômeno. A negação vem como um mecanismo psíquico diante de uma realidade insuportável. Ela se manifesta “não apenas em reivindicações pulsionais, mas em tudo o que pode suscitar um desenvolvimento de angústia: emoções, situações, exigências do superego, etc.” (Laplanche; Pontalis, 1970, p. 358).

A pandemia de Covid-19 criou um ambiente de insegurança, de risco à vida. Acreditar em soluções simplificadas, como o combate via cloroquina, vem como uma forma de negar a realidade. Diante de uma realidade que coloca a vida em risco, acreditar em fórmulas milagrosas seria uma maneira de apaziguar a angústia. O mecanismo de negação opera recalçando o objeto traumático, neste caso, uma pandemia que colocou a morte como algo iminente.

Mas a questão se transforma em um problema para as investigações na área da comunicação na medida em que se faz uso estratégico, via guerrilha digital, das paixões humanas, como o medo diante da pandemia, para fins políticos e econômicos. Nessa direção, podemos dizer que as fake news produzidas na guerrilha digital não são resultados, simplesmente, da negação da realidade, mas sim da exploração dessa condição humana de se agarrar a soluções imediatas para apaziguar a angústia diante do imponderável.

Diante dessa configuração, quais os sentidos de negacionismo atribuídos a Bolsonaro nos artigos científicos indexados nas plataformas SciELO? Como pesquisadores de áreas de conhecimento diferentes têm investigado e qualificado as ações do presidente e do governo de Jair Bolsonaro (2019-2022) frente à pandemia? Para isso, construímos um breve estado da arte por meio de artigos em que os enunciados “Bolsonaro”, “governo” e “pandemia” aparecem no título, resumo ou palavras-chave. Foram selecionados artigos publicados em 2021 em revistas indexadas na plataforma SciELO. Os indexadores são ferramentas que contribuem para elevar a qualificação dos periódicos científicos que passam pela avaliação do Qualis Capes.

Busca-se identificar, também, a incidência de pesquisas sobre o tema por áreas dos periódicos. Demarcado o objeto, o recorte e o caminho para mapear os periódicos, o próximo passo foi criar um instrumento de classificação e quantificação dos dados. Para isso, desenvolvemos uma planilha de classificação dos artigos com destaque para a área da revista e identificação dos autores(as).

Na planilha elaborada com os resultados da pesquisa empírica, consta: Revista; País; Área; Título; Autor/a/es/as; Resumo; Palavras-chave. Foram 95 artigos publicados em periódicos científicos indexados na SciELO. Entre os primeiros resultados na análise do instrumento de pesquisa, o destaque para quatro áreas com maior incidência dos enunciados nas revistas científicas: Ciência Humanas; Ciências Sociais Aplicadas; Ciências da Saúde; e Linguística, Letras e Artes.

METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS

Essa investigação é resultado parcial de uma pesquisa maior, em curso. Na fase atual, procura-se identificar os sentidos de negacionismo atribuídos a Bolsonaro nos artigos científicos indexados nas plataformas SciELO. A escolha se deu depois da seleção de 95 artigos publicados em periódicos científicos indexados na SciELO. Utilizou-se da categorização por palavras-chave, gerando um quadro, nosso instrumento de pesquisa, em que se dá destaque para quatro áreas com maior incidência de enunciados nas revistas científicas.

Os enunciados foram contabilizados, procurando agrupar a incidência e recorrência nos artigos em destaque. A busca foi realizada com palavras relacionadas, procurando agrupá-las em categorias para uma posterior análise. Operadores booleanos nas bases de dados nos ajudaram com esta operação, seguidas aqui com a perspectiva da análise de conteúdo (AC) de Bardin (2011). Nosso pressuposto de análise parte dessa incidência: negacionismo.

A AC desdobra-se dos testes da associação de palavras; da análise de respostas com questões abertas; da análise da comunicação em massa; e da análise de entrevistas. Sua função é heurística no sentido que pretende descobrir algo novo e parte de uma hipótese.

Para Bardin (2011, p. 45), a AC assemelha-se à análise documental:

Podemos defini-la como «uma operação ou um conjunto de operações visando representar o conteúdo de um documento sob uma forma diferente da original, a fim de facilitar num estado ulterior, a sua consulta e referência. Enquanto tratamento da informação contida nos documentos acumulados, a análise documental tem por objectivo dar forma conveniente e

representar de outro modo essa informação, por intermédio de procedimentos de transformação.

AC não é um instrumento, mas sim um conjunto de técnicas que tem como objetivo a superação da incerteza fundamentada no processo de categorização e o enriquecimento da leitura – ler, reler, recortar, refazer o texto.

O método da AC, assim, caracteriza-se pela organização da análise, codificação, categorização e inferência. As fontes são qualquer comunicação: textos, entrevistas, questionários, transcrições, slogans, artigos etc.

Assim, a AC representa:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 2011, p. 47).

Seguindo os procedimentos da AC, desenvolvemos essa pesquisa, cujo resultado se liga à fase anterior deste estudo, de que o negacionismo (termo com mais recorrência) se integra à necropolítica.

REFERÊNCIAS

Quais os sentidos de negacionismo sobre Bolsonaro nos artigos científicos indexados na plataforma SciELO? Esse objetivo foi desenvolvido a partir de uma pesquisa iniciada em 2020, quando, na ocasião, a análise se voltou aos discursos do presidente Jair Bolsonaro nas suas lives, sempre, às quintas-feiras. O recorte, nesse início, foram as falas do presidente sobre a pandemia, as minorias, e a imprensa. Nessa etapa, a pesquisa resultou em um artigo científico que analisou os discursos nas lives a partir do conceito de racismo de Estado (Foucault, 2008) e necropolítica (Mbembe, 2018).

Nos resultados da pesquisa inicial, foi possível identificar que os sentidos que predominavam no discurso do presidente Jair Bolsonaro sobre a pandemia era de minimizar seus efeitos na população, qualificando-a como uma “gripezinha”. Quando o número de mortos de fato começou a assustar, a ação foi parar sua contagem diária. “Não somente Bolsonaro tratou com naturalidade o crescimento do número de mortos pela pandemia, o que aponta para uma

política de morte, como também quis interferir na representação técnica das pessoas acometidas pela Covid-19” (Venera et. al. 2018, p. 24).

Segundo a perspectiva teórica do filósofo camaronês, Mbembe (2018), a pergunta que norteou o início da pesquisa foi: quem era matável para o governo de Jair Bolsonaro? A resposta estava materializada em uma propaganda do governo com o slogan “O Brasil não pode parar”. Nela, as representações explicitavam a respostas: a verdureira é negra; o ambulante é negro; a profissional de saúde é negra; o professor é negro (Venera et. al. 2018, p. 24).

Mas um novo problema de pesquisa, surgiu: Como pesquisadores de áreas de conhecimento diferentes têm investigado e qualificado as ações do então presidente e do governo frente à pandemia? Para isso, iniciamos a segunda fase da pesquisa, voltada à construção de um breve estado da arte a partir de artigos em que os enunciados “Bolsonaro”, “governo” e “pandemia” aparecem no título, resumo ou palavras-chave. Foram selecionadas, para a pesquisa geral, duas plataformas de indexação de periódicos científicos – SciELO e DOAJ.

Antes do recorte para este artigo, as informações foram organizadas a partir dos dados das plataformas SciELO e DOAJ. Foram 95 artigos publicados em periódicos científicos indexados na SciELO e 73 artigos no DOAJ. Entre os primeiros resultados na análise do instrumento de pesquisa, o destaque para quatro áreas com maior incidência dos enunciados nas revistas científicas: Ciência Humanas, 82; Ciências Sociais Aplicadas, 44; Ciências da Saúde, 18; e Linguística, Letras e Artes, 17. No conjunto temos 314 autores.

Os indexadores são ferramentas que contribuem para elevar a qualificação dos periódicos científicos que passam pela avaliação do Qualis Capes, este um sistema que faz a classificação da produção científica dos programas de pós-graduação brasileiros. Pretende-se mapear as discussões sobre o presidente Jair Bolsonaro e o governo atual durante a pandemia. Para este artigo foram selecionados somente o recorte dos artigos indexado na plataforma SciELO.

OS ARTIGOS E O NEGACIONISMO

O termo negacionismo é mais do que uma insistência em negar algo, ele se refere a uma estrutura narrativa e, por vezes, discursiva, sistematizada, construída e compilada com o objetivo de desmobilizar e enfraquecer o discurso oposto. No recorte desta pesquisa, o discurso oposto são aqueles alinhados com as orientações científicas para se proteger da pandemia de Covid-19. Historicamente o termo negacionismo está relacionado a um grupo também chamado de “revisionismo” que buscava negar o “holocausto” promovido pelos nazistas contra os judeus na Alemanha. Negar o holocausto, assim como a dominação imperialista europeia sobre a África ou mesmo o racismo estrutural como resultado da escravidão, são formas típicas de grupos que se sentem ameaçados por políticas reparadoras que inviabilizam a manutenção do *status quo*. Já no caso em questão, o negacionismo emerge como um discurso para legitimar as ações do governo federal e, sobretudo, do presidente à época, Jair Bolsonaro, ou seja, a inércia e a falta de uma política de saúde que trouxesse resultados eficientes no enfrentamento da crise sanitária.

Durante a pesquisa foram trabalhados dez artigos científicos na plataforma SciELO, sendo que o destaque é para a palavra negacionismo. Destes, seis pertencem à área de Ciências Humanas, quatro de Ciências Sociais Aplicadas, e duas à área da Saúde. Os artigos provêm das mais diversificadas disciplinas, desde comunicação até administração hospitalar. Em geral, a análise realizada por estes pesquisadores é de como a retórica negacionista impacta na saúde pública. A seguir, serão comentados seis artigos para melhor compreensão.

No artigo *A pandemia nas lives semanais: o uso de atenuadores na retórica anticrise de Jair Bolsonaro*, Moraes e Silva (2021) analisam as *lives*, sempre às quintas-feiras, do presidente nos primeiros meses da pandemia. No artigo, o negacionismo adquire sentido de discurso contra a ciência, configurando-se antidemocrático. Nesta perspectiva, os autores Alexandre Santos de Moraes e Daniel Pinha da Silva trazem à tona o recurso retórico anticrise de Bolsonaro em suas *lives* semanais: o uso de atenuadores. Moraes e Silva apresentam a estratégia do discurso pragmático, ou seja, o ato de falar por alguém para um público específico e atento aos efeitos políticos dessa fala (2021, p. 743). Os autores estabelecem uma relação entre as falas, inseridas na retórica do ódio, típicas do histórico parlamentar de Bolsonaro, com as falas do

presidente, agora permeadas pela reprodução de notícias falsas e a informalidade das redes sociais, típicas de um novo modo de populismo. Para os autores, o negacionismo se manifesta nas *fake news* e nas teorias da conspiração ideologicamente marcadas “diante do avanço das contaminações, colapso do sistema de saúde” (Morais; Silva, 2021, p. 753).

Já o artigo de Clayton Guerreiro e Ronaldo de Almeida intitulado *Negacionismo Religioso: Bolsonaro e lideranças Evangélicas na Pandemia de COVID-19* analisa a relação entre lideranças evangélicas proeminentes como o Pastor Malafaia, o Bispo Macedo, o Apóstolo Valdomiro, entre outros, com o discurso do então presidente. Segundo Guerreiro e Almeida: “Certas declarações de Bolsonaro eram previamente citadas nas lives de pastores evangélicos ou vice-versa, indicando uma clara sincronia.” (2021, p. 53). Neste artigo é possível encontrar os argumentos apresentados pelo pastor/empresário Silas Malafaia contra o “fechamento dos templos”. Malafaia faz coro a Bolsonaro ao explorar a falsa dicotomia entre economia X isolamento. O pastor/empresário também defende que as Igrejas seriam hospitais para depressão e, portanto, atividades essenciais. Entre outros argumentos, ele também faz coro ao presidente ao falar que as táticas de combate à pandemia fariam parte de uma lógica “cristofóbica”.

Este é talvez o artigo em que mais aparece a palavra “negacionismo” No âmbito da amostra que elencamos são pelo menos 29 ocorrências. Aqui, os autores se dedicam a citar e explicar o que é negacionismo. Segundo Guerreiro e Almeida, negacionismo é uma linguagem de poder, que “remete às tentativas de revisionismo histórico [...]” (2021, p. 53). Citando Dunning, eles explicam que a negação do fato científico serve para que as pessoas que desconhecem os dados acabem por desacreditar das afirmações da comunidade científica. Os autores ainda relacionam o negacionismo científico às retóricas conspiracionistas e a confusões conceituais.

Sobre outro viés, Gilberto Calil em seu artigo *A negação da pandemia: reflexões sobre a estratégia bolsonarista* aborda a intenção do governo Bolsonaro em estimular uma contaminação generalizada, algo que ficou conhecido equivocadamente como “imunidade de rebanho”. Segundo o autor, tal hipótese, não era exclusividade do Brasil. Países como Estados Unidos, Reino Unido, Itália, Holanda e Bélgica compartilhavam dessa ideia (Calil 2021,

p. 32). A queda dessa retórica se deu na Itália, pois dois meses após a campanha “*no si ferma*” empreendida pelas câmaras de comércio e governos locais, veio o desastre: quase trinta mil mortos, chegando ao pico de 921 óbitos em um só dia. Já na segunda quinzena de março, quase a totalidade dos países que defenderam a imunidade de rebanho já haviam adotado políticas de isolamento. Mais uma vez, os fatos desmentiram de maneira dura o negacionismo. A palavra negacionismo aparece por duas vezes neste texto, sem, no entanto, citar ou esclarecer o seu significado. Transparece, no entanto, que o termo negacionismo se refere claramente a negação das orientações dadas por cientistas. Em geral, se recorre a um argumento “*ad hominem*” como forma de desqualificar o argumento científico, uma tática de “pôr sob suspeita” e politizar as orientações, mesmo que provisórias, da ciência.

Na mesma linha de análise de discurso, vem Gastão Wagner de Sousa Campos com o artigo “*O pesadelo macabro da Covid-19 no Brasil: entre negacionismos e desvarios*” (2020). O artigo é escrito ainda no auge do debate sobre o isolamento social e o Brasil não havia amargado ainda os milhares de óbitos que vieram nos meses seguintes. Subentende-se nesse artigo que o negacionismo está relacionado com a personalidade – egocentrismo exagerado – do presidente. Não há, no entanto, uma conceituação clara do que seja negacionismo, apenas uma descrição de práticas anti-ciência.

No artigo *Necropolítica e governo Jair Bolsonaro: repercussões na seguridade social brasileira*, de Daniela Castilho e Esther Lemos (2021, p. 269), o negacionismo estaria a serviço de uma “agenda ultraneoliberal a qual impõe uma perseguição sem precedentes aos direitos historicamente conquistados”. Além de interpretar o desmonte de políticas sociais como “política da negação”, as autoras articulam esse sentido com o de necropolítica, do filósofo camaronês Achille Mbembe, de que há uma política voltada para a morte.

No trabalho *O negacionismo na oposição de Jair Bolsonaro à comissão nacional da verdade*, de Pablo Emanuel Romero Almada, o termo tem sentido de negação da história oficial, voltado para a posição do presidente de apoio à ditadura civil-militar (1964-1985). O negacionismo, assim, vem como negação de uma história, reconhecida entre os historiadores e a busca por afirmar a “suposição de outra história que ainda deve ser revelada é um dos elementos

teóricos que identificam essa historiografia revisionista manipulatória” (Almada, 2021, p. 2).

NEGACIONISMO E O FALSEAMENTO DA REALIDADE

Nos artigos selecionados não aparece uma formulação que eleve o termo “negacionismo” ao *status* de conceito, no sentido de elaborar uma generalização que nos ajude a compreender sua aparição. Mesmo assim, pode-se perceber sentidos em comum ao relacionar os trabalhos.

No artigo de Moraes e Silva (2021), negacionismo aparece como um termo articulado com a ideia de falseamento, sem apresentar uma discussão conceitual. Podemos considerar que o falseamento da realidade é como se manifestam as práticas negacionistas. No espectro do artigo em questão, o falseamento da realidade é o *modus-operandi* da extrema-direita representada à época pelo governo Bolsonaro, cujo objetivo se materializava no desejo de fechar as instituições que estruturam um regime democrático, como o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal.

No artigo de Clayton Guerreiro e Ronaldo de Almeida (2021, p. 72), negacionismo “é uma linguagem de poder que está fora do escopo da democracia e que se expressa publicamente em diferentes técnicas de negação da ciência – muitas vezes com justificativas religiosas – empregadas em diversos eventos durante a pandemia, com o objetivo de consolidar um projeto político comum”. A forma dessa linguagem de poder que o autor menciona ficou conhecida como *fake news*, constituindo-se como a linguagem estratégica dos produtores de desinformação. Apresentar fatos falsos como se fossem verdadeiros retroalimenta posições negacionistas e se caracteriza como uma forma de poder. No cenário político e dos investimentos em disparos em massa de *fake news*, a desinformação desdobra-se em processos de subjetivação. É nessa via que o negacionismo conota também uma maneira de estar no mundo, olhando para a realidade a partir de lentes que distorcem o que se vê.

No artigo de Gilberto Calil (2021), o negacionismo tem relação como as políticas do governo Bolsonaro em relação à Covid-19. O negacionismo se manifesta na difusão de informações inverídicas. No entanto, o autor não

apresenta um conceito para negacionismo e nem desenvolve o termo, mas pode-se perceber o sentido atribuído e que vai ao encontro daquilo que já abordamos. A produção de informações inverídicas está, assim, no centro do debate aberto sobre *fake news*, na medida em que apresentar dados inventados em uma roupagem que lembra o discurso jornalístico, abrindo caminho para fazer o falso se passar por verdadeiro, entrando assim no debate da pós-verdade.

No artigo de Daniela Castilho e Esther Lemos (2021, p. 269), o negacionismo cumpre uma função política no governo Bolsonaro: “O avanço das contrarreformas reacionárias destrói os sustentáculos essenciais da política de seguridade social: a saúde, previdência e assistência social”. O esfacelamento das políticas públicas caracteriza-se, portanto, como uma política de morte, processo este que o conceito de necropolítica, Mbembe (2018), nos ajuda a compreender.

Para Pablo Almada (2021), o negacionismo não nega somente os fatos do presente. O autor articula o termo ao horizonte da história, o que traz novas contribuições ao debate. Se o negacionismo, como temos evidenciado na articulação dos artigos, tem relação direta com narrativas descoladas da realidade dos fatos, essa mesma interpretação pode estender para os revisionistas que contestam os estudos acadêmicos de pesquisadores da história para sobrepor uma nova leitura do passado.

NEGACIONISMO A SERVIÇO DA NECROPOLÍTICA

O conceito necropolítica refere-se às formas contemporâneas que subjugam a vida ao poder da morte (Mbembe, 2018). É a instrumentalização da morte como tecnologia política de dominação e assujeitamento. A morte, então, não é uma perspectiva futura, mas uma realidade presente, cotidiana, constante e ameaçadora. Esta relação entre necropolítica e a morte na pandemia foi desenvolvida no capítulo “Luto e desagregação nas narrativas de Bolsonaro: memória e negação” (Silva, Venera, Severino, 2022).

A necropolítica, segundo Mbembe (2018), remete à escravidão, passando pelo “terror” revolucionário e alcançando as forças que disputam o poder atualmente, sejam elas territoriais ou desterritorializadas, como as milícias ou o

conflito árabe-israelense. Em outras palavras, a morte, seja como instrumento de terror, seja como ideário de sacrifício, são recursos políticos que atravessam a história. A questão que se apresenta é o de investigar o ponto de inflexão entre o “matar” e o deliberadamente “deixar morrer” como decisão política (Silva, Venera, Severino, 2022).

A necropolítica implica a ameaça da morte constante, bem como na escolha de quem vive e quem morre. A produção estratégica da desinformação por governos e militâncias de apoio pode funcionar como uma esfera da necropolítica. Em 2021, no mesmo ano da publicação dos artigos científicos em análise, a agência Senado¹ divulgou uma pesquisa considerando que 400 mil mortes poderiam ter sido evitadas. Além das falas de Bolsonaro defendendo tratamento paliativo, como o uso de cloroquina, uma profusão de *fake news* nas redes sociais, contribuiu também para este resultado.

COMENTÁRIOS FINAIS

A partir da pesquisa nos artigos científicos indexados na plataforma SciELO, em 2021, identificamos que o enunciado “negacionismo” e suas variações, como ‘negacionista’, aparece com maior incidência. No entanto, o termo ocorre sem a devida conceituação, operando como “já dito”, ou seja, pressupõe-se tratar-se de um sentido previamente conhecido pelo público leitor.

Ao longo da leitura dos artigos, percebeu-se que o termo está associado a falso, inverídico, desinformação, *fake news*. Em síntese, “negacionismo” opera em duas vertentes: uma delas como lugar de expressão que nega a realidade dos fatos e na outra vertente o uso estratégico para disseminar algo falso como se fosse verdadeiro.

Sobretudo este segundo sentido – do uso estratégico de disseminação do falso – opera em sintonia com a necropolítica (e esta é a contribuição na articulação da fase inicial da pesquisa sobre a lives quinzenais do Bolsonaro, para esta segunda sobre as publicações dos artigos científicos).

¹ Ver: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/06/24/pesquisas-apontam-que-400-mil-mortes-poderiam-ser-evitadas-governistas-questionam#:~:text=E%20que%20ao%20menos%20120,E%20n%C3%A3o%20s%C3%A3o%20n%C3%BAmeros>. Acesso em: 07 jan. 2024.

Se a necropolítica tem relação com o fazer ou deixar morrer, as formas de governo, o que Foucault chamou de governamentalidade, constitui-se como algo próprio da sociedade contemporânea. Almeida (2021) sintetiza o conceito 'governamentalidade' selecionando alguns recortes da obra de Foucault, entre eles: “o conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer um tipo complexo e específico de poder” e que “tem por alvo principal a população [...]”.

A particularidade do governo Bolsonaro são as táticas pelas quais exerceu seu poder numa trama complexa, envolvendo não somente as instituições legais, mas sobretudo mecanismo informais, como as lives quinzenais, as articulações com youtubers e veículos de comunicação. Assim, o discurso negacionista, manifestado em fake news, integrou as práticas para deixar morrer.

Todo esse processo traduz a crise da democracia no mundo contemporâneo, o perigo relacionado à manipulação dos valores humanos, provocada, entre outros fatores, pela mobilização de sentimentos como o medo, o desconhecimento sobre o mundo real, a ausência do debate público e os limites dos direitos dos sujeitos em sociedades marcadas pela desigualdade social. Tal cenário, portanto, exige um debate amplo sobre as formas de organização da sociedade, o direito à informação e os limites e possibilidades das democracias na atualidade.

REFERÊNCIAS

ALMADA, P. E. R. O negacionismo na oposição de Jair Bolsonaro à Comissão Nacional da Verdade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 36, nº 106, 2021.

ALMEIDA, S. L. de. Necropolítica e neoliberalismo. *Cad. CRH [Internet]*. V. 34, p. 1-10, Salvador, 2021.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

BUCCI, E. News não são fake e fake news não são news. *In: Mariana Barbosa. (Org.). Pós-verdade e Fake News*. Rio de Janeiro: Cobogó, v. 1, p. 37-48, 2019.

Calil GG. A negação da pandemia: reflexões sobre a estratégia bolsonarista. **Serv Soc Soc [Internet]**. Jan; (140): 30–47, 2021.

- CASTILHO, D. R.; LEMOS, E. L. de S. Necropolítica e governo Jair Bolsonaro: repercussões na seguridade social brasileira. **Revista Katal**, Florianópolis, v.24, n. 2, p. 269-279, maio/ago. 2021.
- FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. Curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FREUD, S. (1925) A Negativa. *In*: STRACHEY, James (Org.). **Obras completas**. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira, Vol. XIX).
- GUERREIRO, C.; ALMEIDA, R. de. Negacionismo religioso: Bolsonaro e lideranças evangélicas na pandemia Covid-19. **Religião & Sociedade**, 41(2), 49–74, 2021.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1970.
- LELO, T. V.; CAMINHAS, LORENA. Desinformações sobre gênero e sexualidade e as disputas pelos limites da moralidade. **Matrizes**, 15(2), 179-203, 2021. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143068488017>
- MBEMBE, A. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- MORAES, A. S. de; SILVA, D.P. A pandemia nas lives semanais: o uso de atenuadores na retórica anticrise de Jair Bolsonaro. **Topoi** (Rio J) [Internet]. Sep; 22 (48):740–62, 2021.
- SANTAELLA, Lucia. *A Pós-Verdade é verdadeira ou Falsa?* Barueri: Estação das Letras e Cores editora, 2019.
- VENERA, J. I.; SEVERINO, J. R.; SILVA, E.. Luto e desagregação nas narrativas de Bolsonaro: memória e negação. *In*: Cleuza Maria Gomes Graebin (et al.). (Org.). **Memória social em movimento**. Canoas: Unilasalle, 2022, v., p. 124-134.
- VENERA, J.I.; SILVA, E.; SEVERINO, J.R.; CHAMORRO, J.F.H. Deixar morrer para manter a economia: necropolítica e pandemia. **Revista Brasileira de Tecnologias Sociais**. v. 8. n.1 2018, p.14 – 25.